



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

NOVEMBRO

DEZEMBRO

1954 — N.º 6

J. U. C. F. — FILIADA NA "PAX ROMANA"

Sumário



Principio

Brincadeiras Proibidas

Camaradagem... e falsas camaradagens

Tu e a Criança

Técnica e Cultura

Pausa

A Igreja no mundo

Quando a Estrela brilhou

Este Mistério da dor...

Aquilo que vale a pena ler: Enfants-poètes

Página de Antologia: L'Enfant des Rues

Actualidade e oportunidade da Igreja

Noticiário da «Pax»

Bibliografia

Fundação Cuidar o Futuro

Princípio

Andará tão longe a adolescência que a palavra tivesse já perdido para nós a atracção que se desprende das coisas misteriosas, e deixasse de nos provocar aquele estremecimento íntimo por meio do qual poderemos auscultar pela vida fora o grau de mocidade que ainda nos resta?

Princípio. A página branca de um caderno por encetar. Doze meses de um ano que o Senhor tirou do fundo da Eternidade. A pureza baptismal a transparecer nos olhos das crianças.

E tudo nos é dado, generosamente, em seu início. Tempo e espaço virgens, em cada instante, para com eles realizarmos a obra-prima da Vida.

Seremos, talvez, daqueles para quem o princípio é estimulador; que nele se lançam e abalançam como em aventura excitante porque arriscada, de olhos encadeados pelo Mistério, de coração tentado pela ambição do terminar.

Ou talvez que estejamos entre os que o princípio simultaneamente atrai e aferra, precisamente porque é princípio e esconde nas trevas todo o «não-ser-ainda» que emergirá, lenta ou súbitamente, erizado de dificuldades.

Visão optimista ou visão pessimista das tarefas que nos cabem; nenhuma delas, porém, visão correcta.

Princípio não há-de ser, nem jogo de azar onde a curva do entusiasmo decresce e sobe na incerteza do lance final; nem meditação que se eterniza frente à página ainda em branco, perante o bloco informe que não ousamos desbastar, à entrada da silva espinhosa onde não penetramos.

Princípios é achar o equilíbrio entre o entusiasmo e a prudência. É, aliar à euforia do bandeirante, as unhas rasgadas e os pés em chaga do pioneiro.

É estar sempre disposto a renunciar ao sonho humano e legítimo de completar.

É, aliar à euforia do bandeirante, as unhas rasgadas e os pés e que «todas as coisas foram feitas por Ele e sem Ele nada foi feito».

Brincadeiras

Proibidas



Chamava-se assim um filme extraordinário que em 1953 correu em Lisboa. Nele se punha com beleza suavíssima e verdade intensa o problema do ajustamento dos dois mundos: o da criança e o do adulto. Em imagens ricas de sugestões e de realidades a criança erguia-se na nudez puríssima da sua alma, numa suprema revolta contra a traição, a mentira dos adultos: «Pai, mas tu prometeste!...» O mundo das pessoas crescidas surge assim em toda a sua miséria, em toda a sua repugnante mediocridade.

A garotinha que vê morrerem os pais junto de si, à beira da estrada, quando, vindos de Paris, os vitima um bombardeamento aéreo, e o rapazinho da família rude de camponeses onde a vida tem um sentido primitivo de luta constante para garantir a subsistência, encontram-se na mesma candura, na mesma simplicidade perante a ideia da morte. Mergulhados no mistério profundo do sofrimento e da morte, não têm possibilidade de o compreenderem. Com os poucos elementos que possuem, penetram no domínio das grandes realidades essenciais do sentido do homem e da vida, mas elas surgem-lhes necessariamente através dum claro-escuro, onde se confunde a verdade e o erro, o sacrilégio e a poesia.

Por culpa única dos adultos que causam as injustiças sociais, que provocam a miséria que fazem as guerras, que não sabem amar — debatem-se as duas crianças do filme na procura enternecedora, mas dolorosa, do sentido da morte. E é tal a sua ansiedade, o seu desejo de conhecer que a morte se torna o tema das suas conversas, a figura central das suas brincadeiras.

É um caso singular que o filme nos conta, sem dúvida; mas quantas crianças pelo mundo fora não fazem da vida, como estas fizeram da morte, uma série ininterrupta de «brincadeiras proibidas»? Quantas crianças chocadas por realidades demasiado brutais para a sua personalidade não vão mais longe ainda que Michel e a sua pequena amiguinha, perdendo por completo o sentido do sagrado?

Para avaliarmos a gravidade do problema, basta repararmos um pouco no que se passa à nossa volta.

A criança revela desde cedo uma atracção enorme pelo mistério. Encanta-a o que não desvendou ainda; deslumbra-a o que não tem explicação. E a sucessão dos seus «porquês», a que tantos respondem inadvertidamente, é, mais do que curiosidade intelectual no sentido rigoroso do termo, inquietação pelo desconhecido.

Por isso mesmo, a simplicidade com que se abeira das pessoas, dos animais, das coisas, é a tradução duma atitude psicológica especial: por eles desconhecidos para nós, a criança comunga no mistério dos seres e estabelece contacto forte com a realidade essencial das coisas.

Esta penetração rápida e imediata dos seres, este gosto do mistério traduzem-se, por outro lado, numa imaginação muito viva — a acumulação constante dos dados da realidade e a formulação de interrogações mal esboçadas conduzem ao desenvolvimento do sentido mítico.

Fácilmente, a criança aceita o mistério e por ele penetra no domínio de sagrado. Porque o sagrado é a comunhão profunda do mistério e da realidade sensível. É por isso que a ideia de Deus, a transcendência da Pessoa de Cristo, o gosto da oração se inserem como que naturalmente na personalidade infantil — há uma disponibilidade psicológica fundamental que predispõe à aceitação do mistério divino.

Ora, nos nossos dias, está profundamente comprometida essa disponibilidade natural. Com efeito, cedo demais todas as interrogações, mesmo as que não chegaram a tomar forma, encontram resposta fácil. E a explicação simplista das coisas invalida simultaneamente a realidade sensível e o mistério.

Na verdade onde está o gosto pelo mistério das coisas simples (os bichos, as flores, as estrelas) quando na família e na rua, em cartazes e em pessoa de carne e osso, a criança assiste à divinização dos valores negativos, nas modas, nos costumes, na linguagem, nos centros de interesse?

Onde está o sentido belo e fundo da transmissão da vida, se a criança se vê espectadora, quando não protagonista, dos piores desmandos sexuais, em bairros como o da Curraleira ou do Barredo?

Onde está o sentido do transcendente, do sagrado, quando todos os dias, todos os actos, todas as palavras, de todas as pessoas têm o aspecto incolor da mediocridade instilada?

Onde pode encontrar a criança uma expressão plenamente humana de aceitação e participação do mistério divino, quando à sua volta os adultos rezam por convenção, vão à Missa por convenção e se dizem católicos por convenção?

Mas não se limita à deturpação do sentido do transcendente a influência nefasta do adulto na criança. Também nas relações humanas, nos fundamentos da vida social, a verdade se encontra comprometida aos olhos infantis. Faz parte da psicologia infantil normal o sentido da autoridade. Nasce da fragilidade da criança que insensivelmente busca a quem se apoiar — pede mão que a ajude a caminhar, inteligência que lhe ex-

plique os mil porquês das coisas, consciência que a esclareça sobre o bem e o mal.

E, hoje, tudo lhe é negado. Em todas as situações anormais (miséria, desentendimento entre os pais, perversão do meio familiar) de que a guerra é o caso extremo, a criança vê-se nas situações económicas mais dolorosas, tendo muitas vezes de buscar o seu próprio sustento quando não o dos irmãos também. As iste assim à demissão dos adultos numa tarefa que lhes cabe por direito natural. Lógicamente, invertem-se as noções elementares que forma sobre esse mesmo direito natural. Não lhe é difícil desprezar ou ignorar a opinião e o conselho dos pais que não são capazes (por culpa deles ou não, não o sabe distinguir a criança) de lhe satisfazer as necessidades mais elementares. A noção de autoridade (de que decorre no plano natural a virtude da obediência) fica assim profundamente abalada. O facto de ver, lado a lado consigo, os adultos, impotentes, como ela própria, para deterem os sofrimentos e as fraquezas, faz com que a criança se lhes nivele, sentindo-se igual ou até superior a eles.

Deixando de respeitar e de admirar, a criança deixa de amar. Daí, a crise afectiva dos primeiros anos de adolescência que se traduz essencialmente na desilusão dos que com ela lidam de perto, conduzindo sobretudo a um desejo violento de fuga à família. A responsabilidade do adulto é tanto mais grave quanto é certo que na criança o amor atinge um dos graus mais elevados de pureza. Caracteriza-o essencialmente a gratuidade. A criança ama não o que é, mas o que poderia ser. Não ama as pessoas nem as coisas por aquilo que elas aparentemente são, mas pelas virtualidades desconhecidas que nelas encontra. É, afinal, a projecção no plano da sensibilidade do adulto que constitui o sentido do mistério no plano da inteligência.

O sentido de gratuito que caracteriza o amor infantil é a tradução duma tonalidade psico-fisiológica especial. Desde os primeiros tempos da sua vida, a criança actua, ou pelo gosto da acção ou por um objectivo que, regra geral, é uma valorização do seu próprio eu — quer ver, quer conhecer, quer saber. E, quando ama, fá-lo também na dádiva plena de todas as suas potencialidades afectivas.

O mundo de hoje está preste a abafar, também, este sentido do gratuito que é, afinal, a causa profunda da espontaneidade infantil. A família e a escola procuram, talvez inconscientemente, criar na criança a adesão a uma política de interesses — cumprimentar a visita para obter o brinquedo prometido, estudar para ser o primeiro da aula, etc., etc. Vive-se, nos agrupamentos sociais de que a criança faz parte, na sujeição a um materialismo que invade todos os domínios da vida e tanto mais perigoso quanto mais aparece sob formas brandas e diluídas. A pouco e pouco, a criança começa a agir por interesse, com o objectivo da recompensa e acaba por nivelar todos os seus ideais por desejos burgueses de bem-estar e dinheiro.

(Continua na pág. 26)

CAMARADAGEM...

e falsas camaradagens

As nossas relações com os outros desenrolam-se num clima que vai desde o desconhecimento onde se gera a indiferença até ao convívio íntimo onde se desenvolve a amizade.

Nesta escala de relações, a camaradagem ocupa um lugar intermédio.

Não basta, porém, definir-lhe os extremos para a distinguir de outros tipos de relações. Há que acrescentar-lhe alguma coisa de específico que verdadeiramente a defina.

A camaradagem pressupõe um convívio frequente, que aliás não é intimidade, convívio que será aproveitado e enriquecido pela consciência e compromisso numa tarefa e realização comum. Isto o que a distingue de outros tipos de relações.

Ocorre-nos a ideia de certo aviador francês, Saint-Exupéry: «être homme c'est précisément être responsable. C'est connaître la honte en face d'une misère qui ne semblait pas dépendre de soi. C'est être près d'une victoire que les camarades ont remporté. C'est sentir en posant sa pierre que l'on contribue à bâtir le monde».

Era este sopro de Ideal que nós desejávamos ver transpor o limiar da Universidade, na certeza de que ela viria ao encontro do carácter essencialmente comunitário que a deve caracterizar. Mais. Na certeza de que bem compreendido e assimilado deveria a camaradagem que se diz existir e outra coisa não é que caricatura, imagem deformada de camaradagem autêntica.

A comprová-lo haja em vista, por exemplo, a atitude em geral assumida pelos universitários, quando se lhes pede colaboração em iniciativas de interesse comum. Ou ainda para dar um exemplo flagrante, recorde-se a história de quase todas as associações académicas.

Porquê, tudo isto?

Creemos que a resposta está, como nós dizíamos, em que a camaradagem, que se vive nas nossas Faculdades, não é animada por qualquer ideia. Nada mais que convívio obrigatório.

Confunde-se camaradagem com uma solidariedade vaga e por vezes errada ou com uma ajuda também pouco consciente.

— Que raízes ficam depois de um curso? Ou melhor, que raízes deveriam ter ficado (e não pensamos em meras recordações sentimentais) se fossem tomadas a sério e vividas em plenitude tantas possibilidades que oferece a vida em comum?

Em particular pense nisto o católico. Porque professa a Verdade que envolve todas as coisas e é capaz de projectar toda a luz nas mais insi-

gnificantes, ele mais do que nenhum outro, não pode furtar-se a uma transposição do Dogma que professa para esta esfera de convivência universitária.

E que mensagem nova traz ele? A Caridade imediata, activa, operante. Nele, «se condensa toda a lei e os profetas». Caridade que pressupõe Verdade e Justiça, este é o Ideal que deve animar toda a conduta do cristão e por isso também as suas relações de camaradagem. Se tal fosse a ideia que pretendêssemos realizar, não haveria lugar para os desvios ou erros que por vezes, se reclamam em nome da mesma camaradagem.

Estou a lembrar-me dos clássicos «movimentos» de solidariedade — um professor chega tarde; alguém lembra-se de que já se não deve ir à aula; pede-se, então, em nome da camaradagem que todos correspondam. Transforma-se, deste modo, o sentido de responsabilidade. Sendo de sua natureza eminentemente pessoal (pelos meus actos, serei eu a responder...) ficará parecendo que pertence ao grupo. E este erro é de consequências morais, tremendamente graves. Repare-se como facilmente se cairá no gregarismo, na despersonalização, nos grupos sem alma. A análise que cada pessoa faz das circunstâncias e que dita uma resolução não pode ser suprimida pela vontade de uma ou duas pessoas ou ainda que fossem todas as outras. Assim, não há motivo que leve a invocar a camaradagem para tomar uma resolução destas. Do mesmo modo no que se refere a movimentos mal orientados a que intrinsecamente se não adere. Só uma ideia deformada de camaradagem poderá reclamar apoio de todos os universitários por tais movimentos.

Outro dos aspectos muito importantes da camaradagem é o da convivência entre rapazes e raparigas. Em todas as circunstâncias, cada pessoa é sujeito que dá e recebe. Assim, nas relações de camaradagem, há que dar e receber. Interessa sobremaneira a qualidade do que é objecto de troca já que as quantidades só devem depender da capacidade de cada um.

Parece que nem sempre esta reciprocidade de dons é levada em linha de conta na camaradagem entre rapazes e raparigas. Há um desconhecimento quase completo do que cada um deva dar; e em consequência um desequilíbrio, por vezes, grave e sempre um empobrecimento.

Referimo-nos particularmente às raparigas; e, por isso, olhando o problema pelo lado que mais directamente as afecta.

Todos nós damos conta de que há raparigas para quem a camaradagem se traduz num conjunto de liberdades que passadas à fieira da razão e da experiência têm de considerar-se reprováveis. Pelo conhecimento que tenho do meio universitário, devo confessar que a origem de muitos desses desatinos não é acção premeditada, mas antes radica no desconhecimento que as raparigas têm da psicologia masculina, nem por isso menos culpável pois que precisamente um dos grandes enriquecimentos

(Continua na página 24)

Tu e a Criança

Tem a JUCF como programa para este ano «A universitária e o problema da educação». E dentro deste problema tão complexo e tão vasto tomou especialmente os aspectos que se prendem com a criança e que, se não preenchem as suas dimensões — a educação é obra de toda a vida e cada idade tem a sua forma própria de realizá-la — representam o seu aspecto primeiro.

Mas não quero agora comentar este programa nem as responsabilidades que ele nos traz. Quero apenas referir-me a um dos seus aspectos fundamentais — a descoberta da criança pelo contacto directo com ela. E está aqui sem dúvida o ponto mais delicado e a dificuldade maior do trabalho deste ano. Mas é preciso vencê-la para que não nos fiquemos a fazer teorias sobre um ser distante e irreal.

Importa que, ao longo do ano, com humildade e com serenidade, aprendamos a entrar na alma e no mundo infantil, no seu mistério interior, sem o profanar e sem violar uma intimidade que a criança tem o direito de se reservar. Importa descobri-la, naturalmente, com aquela delicadeza que é filha do amor, com aquele respeito que ela nos merece como ser humano desde já templo de Deus. Para amá-la como ela realmente é e não como nós a imaginamos. E para que conhecendo-a e amando-a possamos servi-la.

Fundação Cuidar o Futuro

E antes de ir mais além queria pedir-te que te detivesses um momento a pensar no que a criança é como realidade actual e como promessa. Queria que antes de te lançares a descobri-la — no teu irmãozito pequenino... ou na filha daquela tua amiga... ou naquele outro rapazinho que te pede esmola na rua... ou no que te leva o pão de manhã... ou ainda naquêlas crianças que irás conhecer e ver viver nas visitas em que participares... — parasses a meditar sobre a grandeza daquele ser tão frágil e dependente mas que traz em si o germe... dum sábio?... dum herói?... dum santo?... de miséria?... que sei eu?... daquele ser que tem um destino eterno e uma vocação a cumprir, daquele ser que foi causa de Redenção.

E também nas responsabilidades que te cabem perante esta vida que desabrocha, que interroga e que observa. Pensa no bem que lhe podes fazer ou na desilusão que lhe podes causar. Tu de quem ela espera a verdade, tu que sabes coisas que ela não sabe, tu que és cristã, tu que para ela personificas um ideal — e a criança não é capaz de distinguir entre a fraqueza humana que tomba e o ideal. E tem uma grande noção de justiça e uma grande exigência de verdade!

Importa, dizia eu, que cada uma de nós se lance este ano a descobrir a criança.

Mas não basta para isto colocarmo-nos em frente dela e tentarmos desvendar-lhe a alma. Se é certo que todas as crianças são diferentes e que para poder educá-las é preciso conhecer cada uma de per si, também é certo que em todas elas encontramos um fundo comum, uma psicologia geral. É necessário, pois, conhecer essa psicologia inteiramente diferente da nossa para que, a partir dela, possamos entender cada criança e os seus problemas. E isto é tanto mais importante quanto a criança não sabe comunicar-se e fixa-se no seu mistério onde o adulto só pode penetrar se se abeirar da criança sem ideias feitas mas com um conhecimento sério da psicologia geral da infância e uma intuição feita de interesse profundo e amor.

Porque é a psicologia que nos há-de dar as bases gerais e o amor que nos há-de ajudar a compreendê-la, a presentí-la, a entendê-la. É ela que nos há-de levar a uma exigência de verdade, a uma delicadeza que respeita o segredo da consciência infantil, a uma fé mais funda nas possibilidades extraordinárias da alma das crianças.

E o nosso amor e a nossa influência será tanto mais fecundo quanto mais radicar em Deus — «...quanto mais amares com o Meu Coração, quanto mais olhares com o Meu olhar, mais agirás com o Meu poder...».

Não é sem esforço que o adulto entende a criança e as suas exigências, dificuldades e necessidades. Só o consegue naquela medida em que for capaz de se desprender de tal modo de si e da sua personalidade de adulto que possa penetrar num mundo inteiramente diferente do seu. Porque tudo é diferente na criança — diferente a sua inteligência, diferente o seu ritmo, diferente a sua estabilidade e a sua sensibilidade, diferente a sua imaginação. A criança difere do adulto na sua própria personalidade e para que este a possa compreender e educar é preciso que guarde toda a sua capacidade de ver e de julgar, que tenha sempre presente toda a sua experiência exterior e interior; que seja plenamente adulto a jogar com todas as suas capacidades e qualidades de adulto mas seja simultaneamente capaz de se desprender de si para se adaptar às realidades e possibilidades da criança.

Só assim poderá ajudá-la a realizar e a realizar-se dentro da sua condição de criança. Só assim poderá penetrar nesse outro mundo onde, por um modo diferente do seu, ela compreende, sente, quer, ama e sofre, nessa outra forma por que a criança é e se integra na vida.

Descobrir a criança para a servir... Descobrir a criança para poder avaliar os atentados que a toda a hora contra ela se cometem. Para descobrir nela a repercussão dos erros das sociedades, das instituições, dos costumes. Para saber o que ela precisa e o que ela espera. Para amar melhor a possibilidade de perfeição que nela existe e ajudá-la a realizar-se. Para conhecer os seus caminhos e os seus métodos.

Descobrir a criança para tentar criar à sua volta as condições necessárias ao seu progresso gradual e harmónico. Para corrigir os falsos conceitos e as atitudes viciosas. Descobrir a criança para defendê-la.

Descobrir a criança para aprender com ela o muito que tem para nos ensinar. Para procurar nela aquilo que nos falta — a humildade, a confiança, o sentido do sobrenatural, a alegria, a simplicidade... Disse-o Jesus: «Se vos não fizerdes simples e humildes como criancinhas não entrareis no reino dos céus».

Mas porque não vive desagregada da sociedade, a criança que vais descobrir, sofre as influências e os erros dessa mesma sociedade. E também esses deves procurar durante este ano. E vais decerto encontrar nela o eco de erros individuais, de erros familiares, de erros das mentalidades e das instituições.

E como universitária católica tens uma palavra a dizer-te sobre eles.

E nos que o são na sua essência, outros que resultam da má aplicação dum princípio em si bom, outros da falta de competência dos adultos, outros que provêm de causas sociais ou morais muito complexas e profundas.

E terás ainda que te pôr de sobreaviso e ajuizar com espírito crítico e desprendido dos conceitos habituais, certas situações que se podem dar anormalmente mas que de si mesmas constituem um mal. Tal é, por exemplo, o caso das creches, dos jardins-escolas, o caso de certos internatos. Situações muitas vezes preferíveis a outras que teriam mais inconvenientes, situações que, por vezes, parecem de facto ser a única solução nas condições actuais da sociedade, mas que não deixam por isso de ser extraordinariamente prejudiciais à criança e, de si próprias, se nem sempre condenáveis, pelo menos desaconselháveis.

Depois, os erros mais comuns em educação. E são tantos! Os erros filológicos, os erros pedagógicos, os conceitos falseados, a inversão dos valores, os métodos burocratizados e aplicados em série. Quanto poderás observar neste aspecto!

Para referir apenas os mais habituais basta lembrar-te os desvarios do naturalismo e do angelismo em matéria de educação, os excessos da chamada escola nova e da pedagogia rofineiramente tradicionalista, as crianças colocadas ao serviço do método que se aplica taxativamente sem respeitar a individualidade de cada um, o desinteresse da escola pelos problemas pessoais e familiares de cada criança, a ausência de colaboração entre a escola e a família, a desadaptação dos programas à mentalidade infantil.

E os hospitais, os asilos, os problemas das crianças anormais e delinquentes, das crianças abandonadas ou órfãs, dos filhos das famílias desfeitas ou desarticuladas, as crianças entregues a preceptoras ou criadas sem competência e tantas outras situações anormais que devem ser ainda causa da tua reflexão.

Porque, como universitária católica, tens responsabilidades sobre tudo

(Continua na pág. 29)

Técnica e Cultura

O extraordinário desenvolvimento da ciência nos últimos 100 anos tornou praticamente impossível a concentração de todos os conhecimentos humanos em cada inteligência. O homem viu-se assim obrigado a limitar em extensão o campo das suas actividades intelectuais para o alargar no sentido da profundidade.

Se pensarmos por exemplo que no campo da Química aplicada se escrevem por ano cerca de 90.000 artigos de investigação o que equivale a **270 por dia** temos de reconhecer a necessidade da divisão da Química em muitos sectores e se, acaso nos interessamos pelo seu estudo, escolhermos resolutamente um deles.

Desta subdivisão e do correspondente aprofundamento de cada ramo do saber humano nasceu a **especialização**.

A especialização não se distingue unicamente por um objectivo próprio. Ao orientar-se num determinado sentido, cada ciência busca uma forma específica de se afirmar, um método de trabalho, elementos materiais de realização diferentes. Cada ciência pressupõe ou exige uma técnica.

Do contacto das técnicas das diferentes especializações — racionalização dos métodos de pesquisa, introdução de novos sistemas, lógicos e científicos, nas deduções, utilização de máquinas e aparelhos de medida cada vez mais aperfeiçoados tendentes a substituir o homem em muitas das suas tarefas — nasceu a designação genérica de **técnica**.

A técnica surge assim como um elemento indispensável do progresso. Daí, as possibilidades enormes de serviço e valorização do homem que contém a sua justa utilização. É um facto, porém, que em muitos casos ela se tem tornado em terrível instrumento de diminuição do homem. Pela grande facilidade que traz às actividades humanas, pela neutralidade intrínseca do seu emprego, pode converter-se (e em grande parte isso tem acontecido, mesmo na chamada civilização ocidental que se diz defensora do primado do espírito) num perigo para o homem e para a sociedade. É essa a ideia central de Georghiu em «A 25.ª hora» e que se sintetiza na seguinte passagem:

«Nous apprenons les lois et la manière de parler de nos esclaves techniques pour mieux les diriger. Et ainsi, peu à peu, sans même nous rendre compte, nous renonçons à nos qualités humaines, à nos lois propres. Nous nous déshumanisons, nous adoptons le style de vie de nos esclaves

techniques. Le premier symptôme de cette déshumanisation c'est le mépris de l'être humain. L'homme moderne sait que ses semblables, et lui-même d'ailleurs, sont des éléments qu'on peut remplacer.

La société contemporaine est une société créée selon les nécessités mécaniques et non humaines. Et c'est là que commence le drame.

...Et cette lente désintégration transforme l'être humain en le faisant renoncer à ses sentiments, à ses relations sociales jusqu'à les réduire à quelque chose de catégorique, précis et automatique, les mêmes relations qui lient une pièce de la machine à une autre».

E, na verdade, em qualquer profissão em que se é chamado a trabalhar, a pouco e pouco vai-se sentindo a influência cada vez mais poderosa da técnica, um ente abstracto, de início pouco definido, que nos vai tomando e penetrando e em muitos acaba por mutilar completamente a personalidade. É este, talvez, um dos problemas mais difíceis da vida post-universitária, tanto mais complexo quanto menos definido é. Muitas vezes acaba por se traduzir numa incompatibilidade real da técnica e da cultura. Acabamos assim por ver a maior parte dos diplomados encerrados nos muros estreitos da sua especialidade ou tentando, em artes de equilíbrio, uma conciliação impossível, nos termos em que é procurada, entre o seu trabalho profissional⁹ e aquilo a que se chama cultura geral.

Apesar destes perigos que são autênticos, parece-me que se tem insistido, talvez demais, neste aspecto puramente negativo da técnica. E aqui importa salientar uma ideia que é essencial: **a técnica, como a especialização de que a técnica é instrumento, são dados reais, concretos do nosso tempo.** Não podemos portanto permanecer totalmente à margem das implicações que contém.

Há, ante do mais, que repensa o sentido de cultura. A cultura distingue-se essencialmente por ser profundamente humana e completa. Quer isto dizer que não corresponde a uma «definição académica de conhecimentos», com um sentido estático e acabado nitidamente marcado. Ela compreende, mais do que um ou outro trabalho da inteligência, todas as experiências humanas de pensamento incidindo, portanto, sobre todos os aspectos da vida.

A cultura de cada homem é não a sabedoria mas o esforço constante para a aquisição da sabedoria. Integra-se no verdadeiro sentido do homem: dinamismo, evolução, vida. Na vida humana, todos os valores positivos se traduzem em termos de procura, de elevação — portanto, de movimento.

Tal como a santidade, a cultura é um crescer contínuo, é uma tendência assintótica para o ser humano completo na plenitude das suas múltiplas faculdades intelectuais e morais.

Neste sentido, a cultura não pode manter-se alheia aos novos dados do mundo, da vida, de cada homem. A inteligência tem de penetrá-los para os integrar nos processos de reflexão que fundamentam a cultura.

Assim, o trabalho humano que faz parte do plano de Deus acerca do

homem é um facto da cultura, porque a partir dele realiza o homem a maior parte das suas experiências de pensamento. Não constitue um facto à parte (até às tantas horas, o trabalho, a profissão, depois a cultura). Não: o trabalho é qualquer coisa de profundamente ligado a todas as outras actividades humanas.

A técnica, a especialização são elementos da cultura; juntamente com todas as outras experiências humanas integram a cultura. É durante a realização do trabalho profissional que o homem deve sentir-lhe o valor e compreender-lhe a essência no quadro cultural do seu meio.

O homem tem não de rejeitar comodamente a técnica ou fazer dela um elemento estanque na sua vida psicológica, mas tem de aceitá-la, compreendê-la, assimilá-la; só deste modo pode superá-la, dando-lhe o sentido real que lhe cabe no quadro dos valores. Evidentemente que não é fácil fazê-lo. Na maior parte dos casos, o homem, posto entre Deus e as coisas, destinado a servir o Criador e a servir-se das coisas pelo trabalho, esquece o primeiro vínculo, deixa desaparecer em si o sentido de colaborador de Deus na obra da criação para se tornar apenas em dominador das coisas criadas. Desaparece a humildade do ser que se situa em verdade entre o Infinito e o finito e surge, em toda a sua força, o orgulho que é a negação da própria inteligência. E onde não há inteligência não há cultura.

Um sentido profundamente cristão do que é o trabalho, é portanto essencial para que este venha a traduzir-se em cultura autêntica. É este sentido que confere a cada acto manual ou de inteligência, nobreza e verdade, que rejeita a desonestidade dos processos fáceis, que faz compreender a estabilidade das tarefas aparentemente inúteis — das soluções teóricas que se refazem na busca porfiada de verdades lógicas e ontológicas, dos ensaios experimentais que se repetem vezes sem conta, dos inúmeros trabalhos modestos que toda a especialização exige.

Mas para se atingir o sentido verdadeiro do trabalho na vida humana é preciso que se compreendam as exigências da técnica como elemento cultural. A maior tentação que se experimenta é a limitação ao método. Dos métodos que se utilizam faz-se uma síntese — mas dessa síntese só o método surge quase sempre. Vai-se dos métodos ao método. Ora o que importa verdadeiramente, sob pena de desumanização, é ultrapassar os métodos, as fórmulas, e tirar delas o que contém de vital e de humano. Tal atitude só é possível quando há o cuidado de procurar na especialização os princípios teóricos que a fundamentam, mantendo a todo o transe o rigor científico e o espírito crítico indispensáveis ao exercício de qualquer profissão universitária. Por isso, referindo-se à profissão que é costume considerar técnica por excelência, a Engenharia, Gustavo Corção diz: «A ética do engenheiro considerado exclusivamente sob o ângulo do exercício da profissão pode reduzir-se a uma regra extremamente simples: a do serviço bem feito. O problema moral que envolve o problema técnico reduz-se a isto: o bom uso das faculdades para a per-

feição da obra». (Por exemplo, a rapariga farmacêutica que vive o dia inteiro na técnica da sua profissão — pesando, misturando, filtrando, titulando, vendendo — se se mantiver alheia à ciência que anima todo esse trabalho material, poderá embora ler as últimas novidades de todas as literaturas que não conseguirá ser uma pessoa verdadeiramente culta porque mais de 50 por cento do seu dia se passa à margem da cultura autêntica).

Não é fácil o esforço intelectual que requer esta atitude cultural. Exige coragem, confiança, disciplina. Exige amor e também sacrifício, que é a forma mais cristã do amor. Mas, por isso mesmo, transforma e dá novo sentido a tarefas sem interesse, faz encontrar no trabalho a harmonia da criatura e do Criador.

Só quando houver este esforço constante de integração da técnica na vida cultural é que ganham sentido e então se tornam verdadeiramente necessárias todas as experiências de reflexão que permitam a mais profunda inserção do homem no seu ambiente cultural próprio. Então pode-se falar, sem cair no diletantismo fácil, em compreensão e estudo dos grandes problemas do momento, em análises de correntes literárias e filosóficas, em aproveitamento consciente de todas as experiências da vida — leituras, viagens, conversas, passeios, costumes, artes...

Então pode e deve falar-se, com uma exigência essencial para o autêntico técnico, em busca dos fundamentos filosóficos da técnica, pois é essa a única forma de assegurar valor humano às conquistas da ciência, situando-as na harmonia da Verdade.

Assim, cada um destes elementos culturais surge (deve surgir!) nas dimensões que lhe são próprias.

E o técnico autêntico (o especialista de qualquer profissão universitária) compreenderá então o carácter imperativo da actualização cultural que lhe é pedida. Não será mais o indivíduo que, na profissão, se contenta com o empirismo cómodo, na febre de fazer coisas e de se desembaraçar, de qualquer forma, das dificuldades. Nem tão pouco será aquele que, para além da profissão, só sabe dizer banalidades de coisas ainda mais banais.

Maria de Lourdes Pintasilgo

NOTA: — O tema deste artigo constitui grande parte da discussão da 1.^a comissão de estudo «L'Université» foyer du patrimoine culturel da Assembleia Interfederal de Pax Romana — MIEC, realizada em Agosto na Suíça.

PAUSA

Passou o vento e disse à noite: ó minha velhinha de olhos pisados, dolorosa viúva da luz, porque vestes com esses farrapos, sombras esburacadas por onde às vezes espreitam estrelas, porque vestes com esses farrapos, as ruas dos jardins e as ondas do mar? Ouço-te caminhar, de pés nus sobre a areia dos caminhos, agora e logo e amanhã outra vez...

Cobres de sombra, as roseiras que olhavam o Sol. E vestes com o teu negrume, os lírios dos campos e o berço das crianças. Agora e logo e amanhã outra vez...

Mas a tua sombra é promessa. Tu és, ó noite, o fantasma da luz.

E as coisas esperam o outro fantasma que tu não és. Aquilo que lhe trazes e lhe prometes. Agora e logo e amanhã outra vez...

Até quando, ó noite?

.....

E a noite, embrulhou-se mais no seu xaile de sombra, manto esburacado por onde às vezes espreitam estrelas; embrulhou-se mais no seu xaile de sombra e disse ao vento: Ó vento, meu irmão, pobre mendigo de bordão ferrado, que corres todos os caminhos do mundo, do deserto ao mar e do mar ao deserto! Ó meu irmão de coração em chaga, porque andas sempre a gritar, agora e logo e amanhã outra vez?...

Porque gemes nos ramos das tilias e nas ervas dos valados? Porque choras na floresta e sobre as águas do mar?

Agora e logo e amanhã outra vez...

Até quando, ó vento?

.....

E o vento e a noite, encontraram o homem no dobrar duma rua. E logo lhe atiraram a mesma pergunta: Até quando, ó homem?

Sonhas e lutas, agora e logo e amanhã outra vez...

Trabalhas e sofres, agora e logo e amanhã outra vez...

Cantas e choras, esperas e rezas. Agora e logo e amanhã outra vez...

.....

...E o homem disse, ao vento e à noite:

Tudo é novo, se é nova a alma.

Agora e logo e amanhã outra vez...

Maria Luísa Guerra

A IGREJA NO MUNDO

1. Actualidade perene da Igreja: ao longo dos tempos, Ela conduz os homens àquele Senhor que é a Verdade, o Caminho e a Vida

Esquecido ou ignorante da missão da Igreja entre os homens, o mundo dos nossos dias, numa inconsciência total, desagrega-se rapidamente, sem querer reconhecer que, no seu próprio seio, se encontra a fonte da Vida e o caminho da salvação. Numa época como a nossa, em que — talvez mais do que nunca — se vê o mundo a caminhar a passos largos para o abismo e se procura ansiosamente uma força capaz de sustê-lo na queda, não nos parece difícil concluir onde se encontra essa força; mas a humanidade, fechada no seu orgulho, não quis ainda reconhecer que o caminho único se encontra no retorno a Deus, nem — muito menos! — admitir que, por isso mesmo, a Igreja tem a ocupar, no panorama do mundo contemporâneo, um lugar insubstituível, para o estabelecimento de uma Ordem nova em todos os sectores da vida humana.

E nós? Estaremos plenamente conscientes, não só da transcendência, mas da **actualidade** evidente da missão da Igreja em todos os tempos, e muito em especial no mundo de hoje? Ou aceitamos a ideia, tendenciosa e deformada, dos que pensam a Igreja como uma sociedade fechada no seu mundo ideal, **rígida** nas suas concepções imutáveis, completamente **inadaptada** em relação aos problemas dos nossos dias — nada mais sendo assim, afinal, do que uma teimosa revivescência da Idade Média, que apenas se obstina em subsistir através de todos os tempos, sem trazer a cada época alguma coisa de novo e de útil?

Ora a verdade é que não há opinião mais injusta e falsa do que esta. Em todas as épocas — e hoje decerto mais do que nunca, em face do descalabro espiritual e moral do nosso tempo — a Igreja, em quaisquer circunstâncias, tem sempre uma palavra a dizer, e essa é, precisamente, a palavra que, antes de qualquer outra, deveria ser ouvida: porque dimana da própria Sabedoria de Deus, trazida ao mundo pelo seu Verbo e por Ele transmitida à Igreja para todo o sempre. Por isso, não pode nunca haver palavra mais autorizada para debelar todos os erros, ou mais oportuna para dar solução a todas as crises.

Recordemos então aqui, rapidamente, os aspectos essenciais da missão perene da Igreja no mundo, cujo fim último é a condução das almas no caminho da salvação eterna, para a maior glória de Deus.

Esses aspectos essenciais foram bem claramente definidos pelo Senhor aos Apóstolos, através dos poderes que por mandato lhes conferiu para realizarem a missão da Igreja: — Ide, pois, ensinai todas as gentes (poder de **magistério**), baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (poder de **ministério**), ensinando-as a observar todas as coisas que

vos mandei (poder de **governo**). Antes, tinha dito o Senhor: «Foi-Me dado **todo o poder** no Céu e na Terra»; e depois, acrescentou ainda: «Eis que **Eu estou convosco** todos os dias, até à consumação dos séculos». — Nestas frases, vemos a confirmação nítida da promessa de infalibilidade segura e autoridade legítima, que o Senhor tinha já anteriormente conferido à Igreja, para dar-lhe a plenitude do direito, no desempenho dessa tríplice missão, que abrange, assim, de modo expresso: o Magistério, para ensinar a suprema **Verdade**; o Governo, para indicar o recto **Caminho**; o **Ministério**, para transmitir a autêntica **Vida**; e tudo isto, em ordem a conduzir as almas àquele Senhor que é, Ele mesmo, a **Verdade**, o **Caminho** e a **Vida**.

Rápidamente, vamos tentar ver os caracteres essenciais de cada um destes poderes, através dos quais a Igreja realiza no mundo a sua missão.

2. A Igreja transmite a Vida

O **poder de ministério** da Igreja, que lhe pertence exclusivamente — ligado como está, por forma indissolúvel, ao **múnus** sacerdotal — é o seu poder de santificar: Ela é a dispensadora da Graça, por meio dos Sacramentos, de que o Senhor a fez depositária. Exerce esse poder sobrenatural através dos seus Ministros, a quem a missão sacerdotal foi conferida pelo próprio Cristo, Eterno Sacerdote que na Cruz Se imolou por nós ao Pai Celeste. «Assim como Meu Pai Me enviou, assim **Eu vos envio**» — eis, segundo S. João, as palavras do Senhor aos Apóstolos, e, neles, a todos os sacerdotes da Igreja, em todos os tempos, porque «Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até à consumação dos séculos».

É, como dizia, por meio dos Sacramentos — tesouro inestimável que **só a Igreja** administra — que no mundo se derrama (enriquecido pela oração e pela prática das virtudes sobrenaturais, com o auxílio dos dons do Espírito Santo), todo o caudal da Graça divina, fonte da salvação das almas: «*Gratia nihil aliud est quam inchoatio gloriae in nobis*» — ensina S. Tomás, na «*Summa Theologica*» («A Graça não é outra coisa senão o começo da glória em nós»).

Por um dom gratuito de Deus, o homem foi, na origem, criado nesse estado de semelhança divina, mas logo o primeiro pecado, privando-o da Graça, o afastou do estado de justiça original; e, desde então, ele, por si só, já nada poderia merecer a seu favor (a Graça é indispensável para tornar meritórias todas as obras humanas). Mas, no plano de Deus, onde cabe sempre a Sua misericórdia infinita, foi possível a reparação... «E o Verbo se fez carne e habitou entre nós...», e mereceu-nos, na Cruz, a recuperação desse dom inestimável, que, elevando-nos acima da nossa própria natureza, nos faz participar, ainda no mundo, da própria vida de Deus, a cuja posse nos conduzirá para sempre na visão beatífica, que usufruiremos no Céu. Porque, como diz S. Paulo na sua Epístola aos Romanos: «Onde abundou o pecado, superabundou a Graça»...

Mas, quantas vezes, durante a sua passagem pela Terra, se vê a alma privada desse dom — totalmente ou em parte — em virtude das fraquezas inerentes à nossa natureza decaída? É então que temos de recorrer a esse tesouro de Graça, que a Igreja administra pelos seus Sacramentos — sinais *sensíveis* de uma realidade *sobrenatural*, que tão bem se ajustam, por esse duplo aspecto, à realidade do homem: espírito e matéria. E, por esses canais da Graça, recuperamos a graça santificante ou fortalecemo-la pela graça actual, que nos ajudará a perseverar no caminho da perfeição.

É assim que, no meio da perversão do mundo de hoje, como em todos os tempos, a Igreja sustenta em suas mãos as chaves do Reino dos Céus, cuja posse foi assegurada a Pedro: «Eu te darei as chaves do Reino dos Céus... E tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus; tudo o que desligares na Terra, será desligado nos Céus».

E a Igreja continuará, através dos séculos, a sua missão de santificar: enquanto houver no mundo um homem pecador que se acolha à Sua protecção, lá estará Ela, fonte inesgotável de Vida, a derramar sobre ele a Graça divina, em caudal que não tem fim.

3. A Igreja ensina a Verdade

Mas à Igreja foi dado o poder, não só de santificar, como de ensinar os homens a buscarem conscientemente, deliberadamente, todos os meios de santificação que Ela lhes oferece. É o **poder de magistério** ou de ensino. «Ide, pois, ensinai todas as gentes» — disse Jesus aos Apóstolos. E a Igreja não faz mais do que obedecer a este imperativo, quando exerce, através dos seus ministros, «o direito e o poder de conservar, de explicar e de propagar entre os homens as Verdades reveladas por Deus — o que se chama, geralmente, o depósito da Revelação».

Este poder da Igreja tem de **concretizar-se** num magistério vivo, **perene** e infalível, para que conserve todo o seu valor e eficácia. **Vivo e perene** o torna a forma como é exercido — sem interrupção a partir dos Apóstolos, que directamente o receberam — pelos Apóstolos de sempre, que serão os ministros da Igreja até ao fim dos tempos. **Infalível** também é, porque a infalibilidade segura, pela assistência permanente do Espírito Santo (o que não dispensa, contudo — acentue-se — o trabalho nem o emprego dos meios humanos, para conhecer a Verdade e defini-la como tal) — essa infalibilidade foi conferida pelo Senhor a Pedro e ao Colégio Apostólico em união com o seu Chefe. «Recebei o Espírito Santo» — disse Jesus; e mais: «O Espírito da Verdade, quando vier, vos ensinará toda a Verdade».

É dogma de Fé (incontestável mesmo à luz da teologia e definido em 1870 no Concílio ecuménico do Vaticano), que tudo aquilo que o Papa — sucessor directo de S. Pedro — e, em união com o Papa, os Bispos — sucessores legítimos dos Apóstolos — definem, conciliarmente, em nome

de Deus, em matéria de Dogma e de Moral — isto é, no que respeita à Fé e aos costumes — goza, **plenamente**, do privilégio da infalibilidade. O Senhor havia dito claramente aos seus discípulos: «Quem vos ouve, a Mim ouve». Não há, pois, que ter dúvidas a este respeito. E assim, com plena autoridade e legitimidade, a Igreja docente define e ensina; a Igreja discente aprende e crê.

Portanto, como detentora e preservadora da Verdade — que, **de facto**, é — a Igreja há-de possuir, como é óbvio, o pleno **direito de ensino** dessa mesma Verdade, independentemente de qualquer concessão ou permissão das autoridades civis. Esse direito não pode sofrer limites, nem deve confinar-se apenas ao ensino do Dogma e da Moral, em ordem só à formação dos membros da Igreja docente; é evidente que tem de dirigir-se também, e com particular zelo, à Igreja discente (designação que significa, precisamente, Igreja **que aprende**: logo, entidade a quem é dirigido o ensino). E essa é a assembleia dos fiéis, que, **simultaneamente**, são membros da sociedade civil. (Reparemos bem nisto, que tantas vezes parece ser esquecido, quando, tão frequentemente, se pretende negar à Igreja o direito a todo o ensino que não se confine apenas ao Dogma; esquecem-se esses, que assim pensam, de que o Magistério infalível da Igreja, com toda a autoridade que, por isso, lhe é inerente e que **só a Ela** pertence (é o único Magistério infalível), se estende também à Moral, e, por esse facto, é **orientador seguro dos costumes, na sociedade**).

Isto tem de conduzir, fora de dúvida, a que se dê ao poder de magistério da Igreja **toda a amplitude** que lhe cabe, no seu sentido mais lato; é preciso que a Igreja exerça, sem peias, a sua influência directa e o seu pleno direito de orientação segura sobre todos os aspectos da Educação — que, antes de mais ninguém, a Ela compete, e que só assim poderá ser Educação integral, autêntica, no máximo e perfeito sentido **formativo**, que se lhe tem de dar.

E assim, da missão da Igreja no mundo, como detentora e preservadora da **Verdade**, deriva directamente o seu direito de imiscuir-se nos problemas da ordem temporal, nos aspectos em que eles com a Moral se relacionam; vimo-lo agora aqui, concretamente, no caso da Educação, cujo objecto são essas **mesmas** pessoas que, simultaneamente, são seus filhos e membros da sociedade civil (estando, portanto, nesta qualidade, inseridos na ordem temporal).

Chegaremos, todavia, à mesma conclusão, se repararmos ainda num outro aspecto da missão da Igreja, de que vamos falar.

4. A Igreja indica o Caminho

Queremos referir-nos ao **poder de governo**. «Apascenta os meus cordeiros. Apascenta as minhas ovelhas» — dissera o Senhor a Pedro.

A Igreja, para a consecução do seu fim último, não só se empenha

em ensinar os homens a buscarem, como vimos, os meios seguros de santificação que põe ao seu alcance, como também quer guiá-los no Caminho recto que os conduzirá a esse fim. E para isso, como sociedade legitimamente constituída no mundo — e sociedade **perfeita**, de direito divino, bastando-se, portanto, a si própria, para a realização do seu objectivo — a Igreja pode exercer o poder de governo, que, no seu triplice aspecto, lhe confere o direito de legislar, julgar e castigar, em todas as matérias que, directa ou indirectamente, possam afectar o fim último da salvação das almas.

E nesta matéria, como em qualquer outra que seja inerente à missão da Igreja, ela atinge **todos os fiéis**. Mais ainda: as resultantes deste poder de governo não obrigam somente o foro íntimo da consciência de cada um. Na verdade, como nota alguém, a Igreja não é apenas uma sociedade de almas; Ela é uma sociedade **de homens**, e o homem é **unidade substancial** de alma e corpo, portanto indivisível, formando um só ser. É, de resto, pelos sentidos do corpo — não o esqueçamos — que os factos exteriores atingem a alma; é servindo-se do corpo que a alma exerce grande parte dos seus actos voluntários; e não esqueçamos também que, em geral, precisamente o corpo tem grande responsabilidade na realização imediata dos actos que são maus, aos quais se destina a sanção da lei.

Por todas estas razões, é bem evidente o direito, que a Igreja possui, de legislar, julgar e castigar, dirigindo-se ao **homem total** — alma e corpo — para o que tem de servir-se de meios não só de ordem espiritual, como também de natureza externa.

Tocados assim, de novo, no que respeita à ordem temporal, e chegamos a uma conclusão correlativa daquela que já tirámos quando, do poder de ensino da Igreja, deduzimos o seu direito inalienável de dar orientações seguras em matéria de Educação: — é que também da legitimidade do poder de governo da Igreja, considerado no sentido mais lato, decorre o seu pleno direito de exercer, com a «firme suavidade» que a caracteriza, a mais salutar influência sobre as leis que regem a sociedade civil, informando, assim, com os princípios da Moral cristã — já que lhe foi dada por Deus a autoridade de promulgar, **no mundo**, a lei moral — os **costumes**, não só da vida individual como da vida colectiva, **em ordem ao bem comum**.

Compreenderemos, agora, por que razão não deve haver lugar para atritos entre o Estado e a Igreja; não são, como tantas vezes se pensa, dois poderes antagónicos: são concordantes, até certo ponto. Efectivamente, se o Estado deve dirigir os seus esforços para a consecução do bem comum, considerado **em si**, na sociedade civil (restringe-se, portanto, à ordem temporal), a Igreja — dirigindo-se embora, **sobretudo**, à ordem espiritual e orientando-se para o seu fim último, que é a salvação das almas e a glorificação de Deus — realiza entretanto, no sentido mais

cutêntico, o bem comum, que se projecta mesmo no plano da sociedade civil e que é **complemento da realização plena da sua missão na ordem espiritual.**

Portanto: **a missão da Igreja, pelo fim último que a orienta, transcende, evidentemente, a do Estado;** mas ambos os poderes devem encontrar-se em colaboração estreita, no plano das coisas temporais, em tudo o que se refere à consecução do bem comum na ordem temporal — que, para um deles, é o fim último, e para o outro é apenas uma condição para a realização plena do seu fim último próprio, que transcende aquele. E como, tanto a Igreja como o Estado visam — cada um em plano diferente, embora — **a perfeição da vida humana,** daí se segue que sempre hão-de encontrar-se e devem entender-se, em tudo o que, nessa tarefa, haja **de comum** para ambos.

Como diz Leão XIII, na Encicl. «Immortale Dei», «...deve reinar entre os dois poderes uma ordenada harmonia, a qual é comparada, e com razão, àquela pela qual a alma e o corpo se unem no homem». Mas — aspecto importante do problema — para respeitar essa harmonia, «...com certeza a Igreja não toma para si o direito de imiscuir-se, **sem razão,** na direcção dos negócios temporais e puramente políticos...» — adverte Pio XI na Encicl. «Ubi Arcano», acrescentando a seguir: «...mas é legítima a sua intervenção, quando busca evitar que a sociedade civil tire pretexto da política, seja para restringir, de qualquer maneira, os bens superiores de que depende a salvação eterna dos homens; seja para prejudicar os interesses espirituais; seja para, por meio de leis e decretos iníquos, desferir graves golpes à divina constituição da Igreja; seja, enfim, para espezinhar os direitos de Deus sobre a sociedade civil».

Resumindo, para concluir: a missão da Igreja no mundo, em todos os tempos, realiza-se, primeiro que tudo, **na ordem espiritual,** através do seu tríplice poder de ministério, magistério e governo, orientado para a glorificação de Deus e a salvação dos homens; mas essa missão traduz-se também **na ordem temporal,** onde se justifica plenamente, em especial pelo magistério e pelo governo (cujo direito N. S. J. Cristo lhe conferiu, como meios necessários para que Ela melhor possa atingir o seu fim transcendente). Logo: tudo o que a Igreja no mundo realizar para salvaguarda da Verdade (usando, assim, do poder de magistério) e em defesa da Moral (servindo-se, para isso, do poder de governo) — o que tem de implicar, como se viu, a sua intromissão (pelo menos indirecta), **como orientadora,** na ordem temporal, particularmente no que respeita à paz e justiça social e à Educação — tudo isso é **legítimo,** porque decorre naturalmente do pleno direito que lhe assiste por concessão divina e que nunca poderá, com legitimidade, ser contestado pelos homens.

Maria Celeste Vaz de Sousa

Quando a Estrela brilhou...

Quando a Estrela brilhou era noite, e os Magos velavam.

Curvados sobre os seus cálculos matemáticos, absorvidos pelo estudo ao qual se haviam devotado, eles sabiam com a certeza funda e quente que só da Fé pode nascer, que a Verdade iria brilhar. E esperavam-na velando.

No silêncio e na meditação que as suas tarefas lhes exigiam, erguiam o olhar para o Alto, de onde somente lhes poderia vir a resposta. Longos anos tinham consumido nos labores da inteligência, longos anos durante os quais, talvez sentissem porque eram homens, o cansaço das coisas e das almas, e apesar de tudo a sua sede de Verdade não se apagara ainda, não amorteceu sequer.

Por isso, quando a Estrela brilhou, eles velavam.

Então o Amor dilatou-lhes o peito, tornando-os completos, a eles que tinham acreditado na promessa eterna e que haviam guardado no coração a esperança firme da sua realização no tempo.

Vindos de longe, caminhando noite e dia através do deserto imenso, seguiram o rasto dessa luz que anunciava a Luz.

E perante Ela vergaram os joelhos.

Como os Magos do Oriente, será velando que esperaremos a vinda do Senhor.

Curvadas sobre os nossos livros de estudo, entregues muito embora às tarefas a que nos consagramos, mesmo assim saibamos preservar a hora de erguer o olhar para o Alto; não a procurar a resposta que já veio, que já nos foi dada, mas a recordá-la, a repeti-la como quem aprende de cor a Lição Única que interessa fixar para sempre.

Ao longo desses dias de espera que litúrgicamente a Igreja nos faz viver durante o Advento, velemos também no deserto com os Magos onde sentiremos o cansaço e sentiremos a sede. Mas aceitando ambos com a alegria de quem sabe que eles são a condição necessária para poder chegar.

Velada de Esperança e de Amor, de dia e de noite, no silêncio, na meditação, no trabalho fecundo da inteligência ou nas horas vazias em que o pensamento se nega, caminhando no rasto de verdades que anunciam a Verdade.

E ao termo, perante o Infinito de Deus contido na humilde realidade do Presépio, ajoelhemos. Como os Magos, estaremos ali para oferecer: a nossa inteligência, o nosso esforço quotidiano, o nosso desalento, as nossas derrotas, as nossas vitórias... Mas também a inteligência, o esforço, o desalento, as derrotas e as vitórias daqueles, Mestres e companheiros, com os quais temos parte no mundo do Saber, e que o Senhor nos confiou.

M. I. S.

ESTE MISTÉRIO DA DOR...

Foi o homem que, abusando da liberdade, introduziu a dor no mundo. Querendo igualar Deus, suplantá-lo numa vida independente sem a mais leve limitação, abriu luta com o Criador. E foi nessa hora que a harmonia se rompeu e a unidade se quebrou. No mais íntimo do seu ser, o homem ficou trágicamente rasgado. E é essa ruptura que se chama dor. Ruptura, conflito, drama. Por isso, se pode dizer que há um mistério na dor. E o mistério é este: sentir o homem por um lado uma exigência enorme de imortalidade, uma saudade e um desejo de vida eterna, vida plena; e, por outro, a terrível angústia, o secreto receio de que a dor lhe roube essa vida e o projecto no nada. Por que a razão última desta espécie de resistência vital que se oferece ao sofrimento, desta agonia e sobressalto que percorre o homem quando a dor, como uma intrusa, vem diminuir-lhe a vitalidade, está no facto do homem julgar que a dor lhe traz a morte e a morte é o fim. É um secreto receio, uma agonia do ser. É uma agonia porque o homem, afinal, quer viver sempre. Se o não quisesse, porquê a angústia?

Se o nada é o fim, o homem não estremeceria diante dele e a angústia surgiria não como uma expressão de conflito mas de serenidade, adequação plena a um fim natural.

Não vem, porém, agora a propósito fazer a análise da angústia (da do central da existência, segundo modernas teorias filosóficas). Importa-nos antes situar a dor ao lado da esperança. Correlacioná-las, mostrando como uma e outra se correspondem no plano do homem.

De facto, a dor exige a esperança, porque a dor liberta deste «cárcere de morte». Desagrega e mata, anula a vida física. E esse é o mais violento, o verdadeiro traumatismo que o homem sofre. Não é essa a condição do desenvolvimento pleno da vida do espírito? E não fala também a Igreja da ressurreição dos corpos, animados então da vida perfeita, sem o fantasma da dor a ensombrá-la?

Mas há também que falar da dor no plano espiritual. Também aí ela se acusa como condição da verdadeira vida. Dor que purifica, eleva, transfigura, renova. Dor que salva e redime; dor que não é revolta mas aceitação. Processo obscuro de enriquecimento, apelo à autenticidade, à nudez, à Verdade. A dor despe-nos de ilusões, de barulhos, de honras, de sonhos vãos. Coloca-nos diante do fim numa grande pureza de alma. Marca-nos as grandes, as verdadeiras dimensões da vida. Tudo surge desnudado, numa luz crua de realismo sereno. Sente-se a grandeza, a imensidade do que está para além de toda a aparência e de toda a mentira,

Sente-se que a história de cada um, a nossa história, é uma história

original. E a balbúrdia do mundo, com tantos fantasmas a dançar no seu palco, fica para trás; é um cortejo de sombras que tem uma outra história e um outro destino. Nós ficamos aquém, diante d'Aquele que é. E, se a dor outro mérito não tive: se que este de nos chamar às realidades últimas, de nos colocar na autenticidade, de nos centrar na existência, correndo-a em verdade em todos os quadrantes, já seria bendita. Mas a dor entra na economia da redenção sob outros títulos. É uma eleição e uma bênção, uma graça. É ela que salva a existência. Redime o conflito primeiro, o pecado do orgulho.

Por isso, razão teve Simone Weil quando disse que « a suprema grandeza do Cristianismo está, não em procurar um remédio sobrenatural contra o sofrimento, mas em usar sobrenaturalmente o sofrimento ».

E isso havemos de vê-lo depois.

Maria Luísa Guerra

CAMARADAGEM...

(Continuação da página 7)

que permita a convivência é o de um possível conhecimento das diferenças da psicologia masculina e feminina. Todavia, por desconhecimento, a rapariga nas atitudes que assume ou nas conversas que mantém não mede geralmente o alcance que outros estarão prontos; a atribuir-lhe e talvez que por esta insensatez corra facilmente o risco de ser Eva em vez de Maria.

No princípio do ano que agora começa, olhe cada uma dentro de si própria; faça o balanço de que provei ou do tempo de convivência e de quanto deu para enriquecer a comunidade.

Fique-nos a certeza de que desse exame sério nascerá a conclusão de um ano mais generoso, mais equilibrado, mais rendoso.

.....

Não queria acabar este assunto sem uma referência especial às novas. Chegadas à Faculdade vão inserir-se numa vida diferente da que foi a sua até agora. Umam vêm dos colégios; outras da Província; em todos os casos de um meio que as não preparou, talvez, para a vida universitária. Supõe-se, por isso, um esforço maior que supere a natural desadaptação, na certeza de que são os primeiros passos que preparam o futuro.

Ficamos contando convosco para um reflexo de vida nova, entusiasta, ardente, serena e pura. Aprendei a discernir, em tudo, a Verdade e a Justiça.

Que as imagens do «novo» vos não embriaguem, antes vos facultem ver o que há nelas de recto e bom.

Não esqueçam de que o mundo é constituído do nosso dia a dia plenamente transbordante ou trágicamente vazio.

Que se poderá dizer do teu dia a dia?

Do nosso dia a dia?

Maria Manuela da Silva

AQUILO QUE VALE A PENA LER

"Enfants-poètes,, ed. La Table Ronde

A experiência vale pelo que encerra de maternal debruçar sobre a alma infantil.

Tendo em vista especialmente as crianças de temperamento hiper-sensível a quem traumatismos psicológicos de toda a ordem provocados pelos descabros familiares, pela guerra, pelas privações materiais, impedem um normal rendimento escolar, uma instituição destinada à recuperação desses pequenos inadaptados só pode merecer todo o interesse da nossa inteligência e sensibilidade femininas.

Acarinhada, libertada aos poucos da sua triste condição de «peso morto» da aula, a criança inadaptada reconcilia-se com a vida frequentemente através do trabalho manual (jardinagem, pequenas obras de carpintaria ou de construção civil). Outras vezes, porém, é conduzida ao resgate pelo despertar de uma sensibilidade artística ou poética.

Cabe aos educadores, atentos ao dique pronto a extravasar, serem então «uma presença lúcida», uma «linha de segurança» que lhe garanta o equilíbrio. Repetimos, é esta última uma experiência que vale a pena ser feita.

O que lamentamos com a angústia que os problemas espirituais nos suscitam, é que ela tivesse sido tentada, em França, por uma instituição pedagógica de rítida orientação materialista: a Escola Freire.

É dos seus alunos a centena de poemas que temos sob os olhos e que formam o conteúdo do volume «Enfants-poètes», publicado em Abril deste ano.

Folheámo-lo, primeiro ao acaso. Dois, três curtos poemas, assinados por um deminutivo muitos deles, com a indicação da idade do seu autor, maravilham-nos pela autêntica lição de beleza serena que descobrem nas coisas: contam-nos em poucas linhas a história enternecedora da florzinha vestida de renda, que brinca ao domingo sobre a relva com a sua sombrinha... Ou então, falam-nos do menino que meteu os pés na água da ribeira para ver mais de perto um peixe vermelho de cauda doirada, e as flores de prata que havia no fundo. Mas as suas botas pretas turvaram a água clara, e adeus peixe vermelho, adeus flores de prata! Nada viu o menino.

São assim os poemetos de uma Irma de 7 anos, de uma Kiki de 4! Frescura, delicadeza, e poesia da melhor a jorrar com uma transparência cristalina. Incríveis para quem não contar com os germes de Beleza fecundados pela graça baptismal.

Iresistível era o convite; por isso nos dispusemos a beber toda aquela pureza que se anunciava.

Mas dos restantes poemas cujos autores se escalonam entre os 4 e os 14 anos, quantos marcados já trágicamente pela vida cruel do seu tempo! Em quase todas as pequenas poetisas é dominante uma preocupação erótica. Nimbada de um lirismo cândido, é certo, mas nem por isso menos alarmante.

Aos rapazes, em muito maior número, atraíem, de preferência, imagens da vida quotidiana: o tráfego das ruas parisienses, cenas de feira e de circo a pedirem ilustrações de Toulouse-Lautrec, e com uma dolorosa insistência os temas da guerra, da Resistência, da prisão, da pena capital até, imagens que desde os 2, 3, 4 anos guardam nos olhos e na alma, talvez para sempre.

No conjunto, uma quase total ausência de sentido religioso, que, a informar a sua reeducação, necessariamente haveria de fazer-se sentir na temática escolhida.

Ao terminarmos a leitura de «Enfants-poètes», radica-se-nos mais fundo a certeza de que a alma infantil, carregada de um potencial imenso cujo deflagar pode ser catastrófico, tudo espera de nós; e penetra-nos um respeito muito grande pelos caudais insuspeitados de Beleza, de Ternura, de Generosidade e de Sofrimento, que nela tumultuam.

Escutar o grito lancinante desses pequeninos náufragos a quem a Escola Freinet sinceramente quer responder sem que, no entanto o saiba fazer com palavras de Vida Eterna, põe-nos mais dolorosamente ainda perante a evidência dos problemas da Criança, e enche-nos, ao mesmo tempo, da consoladora certeza de que só nós, em Cristo, os podemos resolver.

Maria Isabel de Mendonça Soares

Fundação Cuidar o Futuro

BRINCADEIRAS PROIBIDAS

(Continuação da pág. 5)

Não são só estes os aspectos da personalidade infantil, comprometidos pela inconsciência, pela maldade dos adultos. Mas esta inconsciência atinge a criança no mais fundo da sua personalidade própria.

E, no entanto, devia ser o adulto a buscar na criança o exemplo e a lição. A criança sugere a humildade confiante, o deslumbramento sem artifício, o amor desinteressado. Sugere, sobretudo, a serenidade e o gosto da renovação — recomeçar, em cada instante, pela enésima vez embora, mas com o mesmo entusiasmo, o mesmo abandono dócil, a mesma certeza da singularidade de cada momento que passa. Saibamos nós, em humildade verdadeira, entrar no mundo de encanto das crianças e colher delas a imensa, a vital lição que nos dão. E mais não é preciso para atingirmos a Verdade e o Amor. Cristo no-lo disse: «Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e se vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus». (S. Mat., XVIII, 3)

Maria de Lourdes Pintasilgo

L'Enfant des Rues

L'enfant des rues
abandonné dans les flots
De la mer des hommes
comme une poussière dans le vent
Seul, injurait les passants.

L'enfant innocent
s'en va,
Emportant son malheur
sur son coeur.
Il pleure des larmes de sang
Des larmes de peine
Des larmes d'enfant
d'enfant sans parents.

Le gamin des rues,
L'enfant de personne,
Il est là
abandonné
Comme les étoiles dans la nuit
il regarde l'arc-en-ciel se lever
comme une fleur
qui va se faner.
Pour lui la vie est finie
Sans espoir il est parti
loin de la ville
et des passants.
Les nuages doucement
l'ont voilé
le ciel s'est caché
dans l'ombre du soir
Comme l'herbe que le vent
fait trembler.

L'enfant des rues
l'enfant de personne
il est parti se noyer
dans l'étang.

CLAUDE BELLEUDY
(14 anos)

Actualidade e oportunidade da Igreja

Porque a reconhecem atenta às realidades do seu tempo e sabem que só dela pode manar «a Luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo», voltam-se para a Igreja os olhares do mundo inteiro. Ao longo do ano são numerosos os grupos profissionais congregados em Roma que, independentemente do seu credo religioso, pedem audiência ao Vigário de Cristo para da sua boca ouvirem a palavra directriz necessária a cada um no desempenho recto da sua missão.

Transcrevemos hoje as palavras que S. S. Pio XII dirigiu este verão aos participantes de três Congressos Internacionais — o de História da Medicina, o de Geodésia e Geofísica e o Congresso Mundial da Poliomielite.

Nelas rejulge a permanente actualidade e oportunidade de uma Verdade que é Eterna.

«Ao enfrentar o problema da doença, o médico, queira ou não, deve tomar posição ante o destino da humanidade. Se ele nada reconhece para além dos fenómenos bio-químicos, não reconhece implicitamente, a ineficácia de todos os seus esforços? Eis uma atitude contra a qual se eleva, não apenas o sentimento íntimo de todo o individuo, mas esta longa marcha secular, esta progressão corajosa e tenaz que revela a história da medicina. O homem de coração que emprega todas as suas energias na luta contra a doença, não pode ignorar a mensagem daquele que se disse o Senhor da vida e da morte e que confirmou esta afirmação com numerosos prodígios e particularmente pelo da Sua própria ressurreição. Não pode, acima de tudo, ignorar que Cristo promete a todos os homens dóceis à Sua Palavra fazê-los participar um dia do Seu triunfo definitivo.»
(Ao XIV Congresso Internacional da História da Medicina — Set. 1954).

«Convém não esquecer que o sentimento religioso é uma das molas mais enérgicas da acção moral, e comporta como factores sobremaneira eficazes, não só a fé numa vida melhor no Além, mas ainda, e acima de tudo, a convicção do mérito e da utilidade do sofrimento, nas perspectivas sobrenaturais da redenção.

O que os doentes esperam de vós, é, não só uma competência profissional inatacável, mas ainda mais, talvez, uma compreensão absoluta do homem e das condições espirituais da sua vida. É, mesmo quando não sabem exprimir claramente os seus desejos, uma orientação discreta e compreensiva, um convite a não lamentarem em vão os bens que sentem fugir-lhes, mas a apoiarem-se noutras verdades mais duradoiras, mais fir-

mes, a que até ali atribuíam escassa importância e que repentinamente descobrem, sem consentirem ainda em entregar-se-lhes, ser a verdadeira tábua de salvação».

(Congresso Mundial da Poliomielite, 11-9-1954)

«O mais admirável, no universo da Ciência, não é tanto a maravilhosa harmonia das leis da Natureza, mas a própria potência e dinamismo do Espírito, chamado a dominar os problemas mais árduos e a penetrar cada vez mais nos segredos da matéria. Satisfação sem dúvida legítima, mas que decepção aqueles que se imobilizam nesta fase e não querem admitir perspectiva mais vasta. Porque o espírito humano, por genial que seja, também está submetido, na sua constituição e actividade, à ordem suprema de um Deus criador. Esse Deus, o espírito humano deve reconhecê-lo porque Deus é a Verdade fora da qual nada tem consistência, deve servi-lo, porque a Ciência afastada do resto da Vida torna-se inútil e até nefasta. O sábio continua a ser, antes de mais, um homem colocado perante o seu destino. Não-de pedir-lhe, mais do que a qualquer outro, contas do bem e do mal.»

(Congresso Internacional de Geodésia e Geofísica — 24-9-1954)

Tu e a Criança

(Continuação da pág. 10)

isto. Se não podes resolver os problemas demasiado grandes e confusos, por vezes, tens pelo menos obrigação de te não desistires deles, de os pensar e estudar até que descubras a verdade, até que para ti fiquem claros e resolvidos, se não praticamente pelo menos em princípio.

Não é talvez o estudo dum esquema perfeito sobre o problema tão difícil da educação nos seus múltiplos sectores que te é pedido este ano. Mas é decerto que, com humildade e serenidade, com toda a tua inteligência de verdade que não se satisfaz com ideias vagas e soluções a priori, observes, profundas, interrogues e conclusas.

Lança-te, pois, à descoberta da criança. Dá-lhe o que tiveres, pede-lhe o que precisares e faz por ela tudo o que estiver ao teu alcance. Num mundo, onde a criança é a grande vítima, tu podes decerto fazer alguma coisa. Não o sentes? Não sabes o quê? Se quiseres estudar e pensar, se te quiseres debruçar sobre ela e sobre os seus problemas, decerto descobrirás. E podes, pelo menos àquelas que te rodeiam dar amor, interesse e exemplo. Podes ser uma força e um refúgio; podes ser um estímulo e uma ajuda. E se melhorares a situação duma só criança neste ano, melhorará a situação da criança em todo o mundo.

E a dar razão ao teu esforço deixo-te uma palavra do Senhor: «Tudo aquilo, que fizeres a um destes pequeninos, é a Mim que o farás».

Maria Margarida Abreu

Noticiário

Seminário Asiático

Já foi noticiado que, de 10 de Dezembro a 2 de Janeiro, estão reunidos no Colégio de Loyola, em **Madras** (Índia), representantes das Federações asiáticas de «Pax Romana», para analisar em conjunto a situação actual e estudar as bases de uma colaboração futura, donde venha a partir o impulso vital para um maior incremento do apostolado na Ásia. Em união com as Federações de «Pax Romana» do mundo inteiro — justamente interessadas em iniciativa de tão largo alcance — não descuremos nós a colaboração de ordem espiritual e material que, embora de tão longe, podemos dar-lhe por forma eficiente. É uma responsabilidade que nos cabe em grande medida — a nós, portugueses, que somos descendentes daqueles que primeiro se empenharam na obra grandiosa da cristianização do continente asiático.

Noticias de todo o mundo

* De passagem pelo nosso país, a caminho de Flüeli, onde teve lugar a última Assembleia Interfederal do MIEC, no passado mês de Agosto — os delegados das Federações latino-americanas da «Pax Romana» realizaram, em Lisboa, a primeira reunião de uma série de dezoito que efectuaram depois na Suíça, para estabelecer as bases do seu trabalho futuro, que vai concretizar-se em especial, através de Encontros regionais frequentes, já em organização para este ano.

* Realizou-se, de 21 a 24 de Julho último, o V Congresso Nacional da J. O. C. do **Equador**, que reuniu, na cidade de Soja, 50 delegados de todas as Universidades do país, tendo em vista o estudo de problemas universitários da actualidade e da orientação futura do Movimento.

* Também a União dos Estudantes Católicos da **Holanda** promoveu neste ano mais um Congresso, subordinado ao tema geral: «Humanismo e Cristianismo».

* A FUCI (**Itália**) organizou, durante o passado ano lectivo, vários círculos de estudo, em que foram desenvolvidos temas de grande interesse, tais como: «As profissões na Sociedade contemporânea»; «A Universidade na civilização industrial»; «O Cristianismo e a História».

* Também a KDSE (**Alemanha**) levou a efeito, no decurso do ano passado, semanas de estudo, centradas em quatro temas muito actuais: «Os problemas do jovem diplomado e do diplomado em geral»; «A nossa responsabilidade na Universidade e na vida estudantil»; «A crise espiritual dos nossos dias»; «A nossa responsabilidade em relação à vida cívica».

Promoveu ainda a KDSE a realização de cursos, versando os temas: «Filosofia e Dogmática»; «Moral e Sociologia».

- * A Comissão Europeia do MIEC — de que Portugal faz parte, este ano — pensa levar a efeito, possivelmente na Alemanha, um Encontro que reunirá delegados das Federações da Europa, para o estudo, em comum, do tema: «A cultura europeia e as suas relações com as culturas nacionais».
- * Filiaram-se em «Pax Romana» — MIEC, durante a Assembleia Interfederal de Flüeli: a «Federación de Universitarios Católicos», de Panamá; e a «Unie der Katholieke Vlaamse Studenten», da Bélgica.

Noticias dos Subsecretariados

...de Arte

Este Subsecretariado promove a realização de mais uma semana de estudo, que desta vez terá lugar em Paris, durante a Semana Santa de 1955.

...de Engenharia

Realizar-se-á em Aix-la-Chapelle, em fins de Julho de 1955, mais um Congresso promovido pelo Subsecretariado de Engenharia, versando o tema geral: «O estudante de Engenharia e o materialismo».

...de Formação e Acção Sociais

Este Subsecretariado tem levado a efeito reuniões regionais de Secretários sociais de vários países; ultimamente, realizou-se uma na Dinamarca, e pensa-se já na organização de outra na Holanda, em 1955, e de mais uma, na Inglaterra, por ocasião do Congresso Mundial da «Pax Romana».

O Subsecretariado tem, também, em projecto a edição de cadernos de formação, versando problemas fundamentais relativos à doutrina social cristã (direito natural, justiça, família, Estado, trabalho e profissão, etc), em espanhol, inglês e francês — cadernos que virão anexos ao «Bulletin de liaison», que o Subsecretariado publica. Pensa-se, além disso, na edição de um Manual, contendo definições e artigos sobre problemas sociais.

* * *

O «Comité Directeur» do MIEC tem encarado a possibilidade de vir a restabelecer-se o antigo Subsecretariado de **Direito**, e estuda também a hipótese da criação de mais um Subsecretariado: o de **Filosofia**.

BIBLIOGRAFIA

Queres interessar-te a valer pela Criança, que o mesmo é dizer pela sua educação? Antes de mais nada lê e medita a Encíclica do Santo Padre Pio XI «*Divini illius Magistri*».

Recomendamos-te que não deixes de ler:

«*A arte de educar as crianças de hoje*» de Gaston Courtois onde encontrarás, de modo muito sugestivo, ensinamentos de ordem prática que toda a educadora não pode esquecer.

Como estudo doutrinário sobre o qual assentará a tua formação pedagógica, tens:

«*Pour ou contre l'éducation nouvelle*», de Suzanne-Marie Durand.

Poderás completá-la ainda com a leitura de qualquer das seguintes obras:

Frère Léon — (docteur en sciences Pédagogiques) — «*Leçons de Psychologie appliquée à l'Education*».

André Boyer — «*Pédagogie Chrétienne*».

Pierre Dufoyer — «*Psychologie de l'enfance*».

Henri Pradel — «*La Collaboration de la Famille et de l'Ecole*».

Dr. Arthus — «*Comprendre pour mieux agir*».

R. Benjamin — «*Vérités et Rêveries sur l'Education*».

Kieffer — «*L'Autorité dans la Famille et à l'Ecole*».

F. Hovre — «*Pedagogos y Pedagogías del Catolicismo*»,
(ed. Razon y Fé — Madrid)

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Com aprovação eclesiástica

Composto e impresso nas Oficinas de S. José

PREÇO 2330

Fundação Cuidar o Futuro

A' margem da semana

Pontos de vista

Li o numero 6 da revista «Presença» da J. U. C. F. e interessou-me profundamente a maneira firme, lógica, reflectida, como certos assuntos ali são tratados, desde a educação e compreensão da criança, tão necessárias na família e na escola, até á análise lucida da técnica e cultura actuais, que anulam e mecanizam a pessoa humana, quando mal applicadas.

Vamos transcrever um trecho do artigo «Técnica e Cultura» da autoria de uma universitária (1).

...«A técnica surge, assim, como um elemento indispensável do progresso. Daí, as possibilidades enormes de serviço e valorização do homem que contém a sua justa utilização. É um facto, porém, que em muitos casos ela se tem tornado em terrível instrumento de diminuição do homem. Pela grande facilidade que traz ás actividades humanas, pela neutralidade intrínseca do seu emprego, pode converter-se (e em grande parte isso tem acontecido, mesmo na chamada civilização ocidental, que se diz defensora do primado do espirito) num perigo para o homem e para a sociedade. É essa a ideia central de Georghiu em «A 25.^a hora» e que se sintetiza na seguinte passagem:

«Nós aprendemos as leis e a maneira de falar dos nossos escravos técnicos para melhor os dirigir. E assim, pouco a pouco, sem mesmo nos darmos conta disso, renunciamos ás nossas qualidades humanas, ás nossas leis próprias. Desumanizamo-nos, adoptamos o estilo de vida dos nossos escravos técnicos. O primeiro sintoma desta desumanização é o desprezo pelo ser humano. O homem moderno sabe que os seus semelhantes e ele próprio, afinal, são elementos que se podem substituir. A sociedade contemporânea é uma sociedade criada segundo as necessidades mecánicas e não humanas. É aqui que começa o drama... É esta lenta desintegração transforma o ser humano fazendo-o renunciar aos seus sentimentos, ás suas relações sociais, até os reduzir a qualquer coisa de categorico, preciso e automático,—as mesmas relações que ligam uma peça da máquina a

(Esta passagem do livro terrível de foi traduzida por nós, pois a autora citou-a em francês).

Não podemos negar a trágica exactas palavras, e como se podem anule altos valores humanos, os que passam cultura e da técnica, os unicos que a vida e confessam a alma.

Ainda bem que a juventude quer reagir, e ela pode fazê-lo, só ela pode apelar para o futuro e ter a esperança, justificada, de modificar uma orientação que leva á morte de tudo o que é belo na Humanidade.

Diz-nos ainda o artigo:

«Um sentido profundamente cristão do que é o trabalho, é portanto essencial para que este venha a traduzir-se em cultura autentica. É este sentido que confere a cada acto manual ou de intelligência, nobreza e verdade (etc.)»

Evidentemente não podemos citar o artigo todo, mas apontamos que vale a pena ser e meditado, sobretudo pelos que trabalham dirigem trabalhadores, para que não pretornar o homem numa máquina, annullando a personalidade humana.

(1) A engenheira D. Maria de L. Tassilgo.

Publicação

«Centro de Estudos Demográficos»

Acaba de ser publicado o numero 8 da revista do «Centro de Estudos Demográficos» com a seguinte colaboração:

«A frequência dos partos múltiplos num conjunto de famílias do concelho de Coimbra» pelo prof. Eusébio Tamagnini, onde é estudada a incidência dos partos gemelares dos filhos de um grupo de famílias desse concelho, de 1911 a 1916; «Os problemas da natalidade» onde o prof. Almeida Garrett continua este interessante estudo, com os seguintes capitulos «Actualização dos anteriores quadros estatísticos», «Posição na Europa da natalidade portuguesa», «Voltando ao tema fecundidade», «Sobre o óptimo de natalidade», «Da razão de sexos e da distribuição etária no censo da população não civilizada da Guiné Portuguesa de 1950», em que o dr. Nuno Morgado faz a aplicação do novo método apresentado pela Divisão de População do Departamento dos Assuntos Sociais da O. N. U. em trabalho publicado no n.º 2 do «Population Bulletin» (Outubro de 1952) com o fim de procurar medir o grau de exactidão dos dados da distribuição por sexo e idades, de acordo com o recenseamento da população da Guiné Portuguesa de 1950; «Exemplos de tabelas de sobrevivência na população portuguesa», de J. Costa Maria, em que o autor lembra a utilidade da aplicação do cálculo actuarial no estudo de determinados problemas médicos, apresentando, nesse sentido, tabelas de sobrevivência abreviadas para as populações masculina e feminina de Portugal Continental compiladas sobre os dados demográficos dos anos de 1949-51, segundo o método de L. Reed e M. Menrell, de que faz breve descrição em «Estrutura social do povo português», prof. Mendes Correia dá á estampa uma conferência proferida em 16 de Dezembro de 1952 no curso da Assistentes Sociais do Instituto Maternal, onde faz considerações gerais sobre o homem isolado e social encarado sob vários aspectos, referindo-se depois aos Portugueses

